
Entrevista com Luís Filipe Castro Mendes: a poesia como resposta à vida

Interview with Luís Filipe Castro Mendes: poetry as an answer to life

Julia Araujo Borges

Universidade Federal Fluminense

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1321>

RESUMO

De início, há uma breve contextualização da obra do poeta português Luís Filipe Castro Mendes, cujo foco ultrapassa a temática sociopolítica que muito reverbera na escrita de seus contemporâneos. Enfatiza-se, em sua escrita, o olhar mais privado e intimista diante da realidade que o cerca. A seguir, apresenta-se a entrevista, realizada em março de 2024, com o objetivo de que o leitor possa compreender algumas das trilhas de seu trabalho poético que já se estende por mais de quarenta anos de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Luís Filipe Castro Mendes; Poesia portuguesa contemporânea; Entrevista.

ABSTRACT

To begin with, there is a brief contextualization of the work of the Portuguese poet Luís Filipe Castro Mendes, whose focus goes beyond the socio-political themes that greatly reverberate in the writing of his contemporaries. In his writing, he emphasizes a more private and intimate look at the reality that surrounds him. Below, we present the interview,

carried out in March 2024, with the aim of allowing the reader to understand some of the tracks of his poetic work, which has already spanned more than forty years of production.

KEYWORDS: Luís Filipe Castro Mendes; Portuguese poetry; Interview.

As análises e reflexões sobre o fazer poético de diferentes autores portugueses mais contemporâneos vão ao encontro, de forma geral, das questões de cunho político¹ ao enfatizar a relação entre subjetividade e tensões econômicas e sociais que marcam o mundo atual. Seus questionamentos não se limitam ao *eu* porque, mesmo que ainda possam ser encontrados traços intimistas, o discurso poético mira, sobretudo, a vivência de realidades externas complexas e suas implicações sociais. No livro IX, da obra *Ética a Nicômacos* (2009), Aristóteles afirma que “o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade” (Aristóteles, 2009, p. 185). A poesia é, de diferentes formas, atenta à realidade do seu tempo. Ao partilharmos a palavra de cada poeta, é possível entender o contexto de sua escrita e compreender à qual pergunta esse poeta responde.

Com uma reconhecida carreira diplomática e política² por muitos anos, Luís Filipe Castro Mendes cria sua poesia para responder a um chamado que ultrapassa questões profissionais; não que não seja possível se deparar com um sujeito político (e suas experiências pontuais) em sua escrita, mas sim porque sua poética advém de questionamentos internos a respeito de um percurso autônomo, na

¹ Cf. prefácio escrito por Nuno Júdice ao livro *Poemas Reunidos*, de Castro Mendes (2018).

² Desde 1975, atuou na diplomacia, servindo em Luanda, Madrid, Paris e Rio de Janeiro. Foi também Ministro da Cultura, em seu país – Portugal –, no período de 2016 a 2018. Atualmente, dedica-se à sua produção poética.

constante ânsia de entender o processo criativo que a impulsiona. O que se percebe é um caminho com infinitos desdobramentos a fim de encontrar as respostas para questões que, muitas vezes, demonstram indicar determinadas aporias.

Com obra iniciada nos anos oitenta, sempre valorada pela crítica especializada, foi com *Poemas reunidos* (2018) que Luís Filipe Castro Mendes foi eleito, por unanimidade, o vencedor do Grande Prêmio de Poesia Teixeira de Pascoaes (Associação Portuguesa de Escritores (APE) / Câmara Municipal de Amarante), em 2019. O júri destacou a revisitação e a renovação das formas clássicas – elegia e soneto – e, em especial, a relação com a tradição camoniana. Entretanto, também foi motivo de destaque a visão irônica e autoirônica relativa à contemporaneidade. Vale ressaltar que a obra vencedora foi editada em 2018 pela Assírio & Alvim, com a reunião de sua poesia até então revisitada pelo autor, o qual suprimiu alguns poemas e concentrou-se em outros.

É certo que seu fazer poético se misturou com a vivência diplomática/política, que lhe exigia deslocamentos pelo mundo, e imprimiu à sua escrita literária as transformações sofridas ao longo das viagens, ficando patente a moldagem de identidades várias a cada novo porto de chegada. Porém, Castro Mendes, mesmo com essas experiências de saída, parece sempre querer recorrer ao que sobrevive, ao que resiste e persiste para formar o novelo da vida, e faz da volta o grande foco de sua escrita, principalmente nas duas últimas publicações (até o momento): *Outro Ulisses regressa a casa* (2016) e *Voltar* (2021). Ambas apresentam a temática do retorno, o qual não se configura apenas como simples regresso, mas como a chegada daquele que se tornou partícipe de uma experiência temporal, de uma história. Afinal, mesmo que o personagem da partida seja o mesmo da chegada, suas vivências ao longo de toda a jornada o transformam e o moldam como ser humano diverso.

Ao longo dos poemas, a memória é vivificada no regresso, no recomeço, no refazer diário daquele que se propõe a fazer da vida uma

verdadeira experiência de mudança. Se a vivência das lutas bélicas de Ulisses é conhecida na *Iliada*, seu regresso passa a ser revelado pelas páginas da *Odisseia*. Também, na poética de Castro Mendes, a evocação acerca da viagem, do caminho que se quer e se pode percorrer, dos afetos sentidos e muitas vezes não vividos, das saudades de casa, da memória do passado e do assombro do futuro fazem de sua escrita a vereda de encontro certo com o clássico homérico. O poeta contemporâneo escreve seus livros como recados para si, mensagens do hoje para um amanhã. Além disso, de forma inevitável, o paralelo com Ulisses, em seus diversos resgates da memória ao longo da obra homérica, revela o tempo vivido e partilhado, constituindo um entrelaçamento poético que se vai destecendo de poema a poema.

Refletir o ontem no hoje é uma forma de abordar a memória e, ao percorrer esse caminho, encontram-se registros de um saber experimentado: a preservação e o resgate de imagens ou a reconstrução da experiência humana; reflexões sobre as relações do sujeito com o mundo, com ele próprio e até mesmo com o criador divino. O gênero memorialístico insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida e são documentos que auxiliam, inicialmente, a história. Mas o que possibilita o seu estudo no conjunto da crítica literária é a força da linguagem de algumas obras e sua habilidade de se impor como discurso esteticamente elaborado da memória. É na recriação, no tecer e destecer, na transformação da rememoração em linguagem que surge a oportunidade poética, como se constata na poesia tão marcada pelo tempo de Luís Filipe Castro Mendes.

ENTREVISTA COM LUÍS FILIPE CASTRO MENDES

Entrevistadora: Ao longo da nossa jornada de vida, vamos sendo formados também a partir de ações e interferências dos outros, em vários âmbitos da vida, a começar com os nossos pais que moldam,

muitas vezes, os nossos gostos e aptidões. Sabemos, por exemplo, do seu amor à poesia por influência de sua mãe, ou mesmo a racionalidade adquirida por via de seu pai. A época da faculdade e o início de sua atuação no campo do Direito são momentos que marcam a vontade da mudança de maneira mais enérgica, e sabemos que grandes romances de Thomas Mann, Stendhal e Dostoiévski o influenciaram, além de escritos marxistas. Disso surge a pergunta: *Recados* (1983), seu primeiro livro, é justamente dessa época, mas parece ser distante das vibrações de mudança social e política que todo jovem nessa altura almejava. É uma obra que fala para o coração e fala do coração. *Recados* (1983) é a voz que habitava o Luís Filipe Castro Mendes (LFCM) daquela época?

Luís Filipe Castro Mendes (LFCM): Para a minha geração, a poesia política panfletária de algum Neo-realismo estava ultrapassada. Por isso, mesmo com militância política ativa, a poesia era para mim outra coisa, um universo próprio. Daí o intimismo de *Recados* (1983), primeiro livro que, aliás, reneguei, não o tendo incluído na minha *Poesia reunida* (2001). Parece-me fraco e imaturo como poesia. Os meus professores de Direito não tiveram, como é óbvio, qualquer influência no meu trabalho literário.

Entrevistadora: Mesmo diante das diferentes fases vividas, há um sujeito poético latente que morou em todas elas, um sujeito que se construiu de dentro para fora e é ele quem parece ter mais voz em seus últimos livros. Com relação a esse sujeito, gostaríamos de saber se há um diálogo dele com a poética de Fernando Pessoa e de Nuno Júdice.

LFCM: Sim, a minha poesia vai aproximar-se mais tarde da História e das vivências reais, sobretudo em *A misericórdia dos mercados* (2014), mas já havia alusões políticas em algumas obras anteriores. E,

sim, desde *Os amantes obscuros* (2007) e *Lendas da Índia* (2011), penso que a minha poesia se transformou no sentido de uma maior atenção ao real e ao vivido. Como digo algures, e é citado pelos entrevistadores, “eu respondo à vida com poemas”. Fernando Pessoa é referência e matriz para todos os poetas portugueses, mesmo os que rejeitam ativamente a sua obra, como Mário Cesariny e Vasco Graça Moura. É uma figura tutelar. A descoberta, na minha adolescência, de Álvaro de Campos foi fundamental para o crescimento e maturação da minha escrita. Outra referência fundadora para mim foi Rilke. Nuno Júdice é o poeta da minha geração com quem mais me identifico, mas curiosamente (ou não) as nossas poéticas são muito distintas. Penso que Nuno Júdice³ é um tão grande poeta que não tem epígonos.

Entrevistadora: Quando Aristóteles nos apresenta a sua *Poética* (2018), ele não se furta ao desconforto da questão entre o uso comum da palavra “poeta” e o uso que pretende dar ao termo. O verbo *poiéin* é usado na literatura grega bem antes de especificar o trabalho dos poetas, ou seja, em outras palavras, o verbo *poiéin* tanto pode significar fabricar, fazer, como também enfeitar, pintar, decorar. Aristóteles demonstra, a partir de realizações concretas das obras, aquilo que em seu conjunto é essencial, ou seja, desbastando o que é particular nas obras, ele chega à poesia como gênero. A afirmação do filósofo grego de que a arte imita “homens que praticam alguma ação” (Aristóteles, 2018, p. 35) é, de alguma forma, revelar o caráter dinâmico da arte, a poesia seria a reação da vida. LFCM enxerga o fazer poético dessa forma?

LFCM: Não tenho uma conceção mimética da poesia, mas, como disse atrás, entendo que a poesia responde à vida com palavras.

³ Necessário referir que Nuno Júdice, infelizmente, faleceu em abril de 2024.

Entrevistadora: Ao longo da sua poesia, é possível perceber algumas mudanças em sua estrutura formal. Ao compor, sua preferência hoje é pelo clássico? Há certa atenção às formas fixas?

LFCM: A libertação que foi para mim Álvaro de Campos ensinou-me a grandeza do verso livre. Mas sempre tive a tentação das formas fixas e trabalhei muito no sentido de adquirir alguma capacidade nessa arte. Mas não prefiro verso livre nem formas fixas: depende do momento.

Entrevistadora: Os títulos dos livros – *Voltar* (2021), *Outro Ulisses regressa à casa* (2016), *Os dias inventados* (2001), *Viagem de inverno* (1993), *A Ilha dos Mortos* (1991) – parecem remeter ao universo do deslocamento, da peregrinação interna e externa que o ser humano faz ao longo da vida; mas *A misericórdia dos mercados* (2014) vai um pouco na contramão desse tópico. Em outras entrevistas, LFCM disse que é um livro que “surgiu da reação a uma política que nos considerava parasitas”⁴. Essa escrita de reação é uma tentativa de ser ouvido ou apenas a necessidade ardente de falar? Perguntamos porque, muitas vezes, o simples ato de expressar nos basta, sem nem saber se haverá escuta.

LFCM: *A misericórdia dos mercados* (2014) tem poemas que respondem à violência que sofremos com os programas de ajustamento financeiro da troika⁵, mas tem outros poemas, de teor bem diverso. O poeta fala sempre para um “leitor ideal” a quem o seu poema pos-

⁴ Entrevista concedida à Revista Renascença em 27 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2018/02/27/castro-mendes-ministro-da-cultura-eu-respondo-a-vida-com-poemas/106783/>.

⁵ Entende-se troika como a união de três entidades – Fundo Monetário Internacional (FMI), Comissão Europeia e o Banco Central Europeu –, que

sa trazer alguma transformação ou descoberta. Nunca saberemos se encontrámos esse leitor (ou leitora)...

Entrevistadora: Agora fazemos um paralelo com Clarice Lispector, escritora brasileira, que dizia que só se sentia viva enquanto escrevia, porque naquele momento ela se encontrava; como se a busca findasse no ato da escrita, como se, ao escrever, e naquele instante, a autora se encontrasse plena. Clarice escrevia para si. LFCM tem na arte de escrever um encontro ou a potencialização da busca? Sua escrita é condição de encontro no mundo? Escreve para um público específico ou sua comunicação é para o mais secreto de si?

LFCM: Escrevo para os leitores, escrevo para o mundo, ou para aquela pequena parte do mundo que me leia. O mais secreto de mim é tão secreto que não o conheço... Para mim a escrita não é nem profissão nem terapia, a escrita é sempre uma aventura. Por isso, ela por vezes pode parar sem nos prevenir...

Entrevistadora: “Memória” e “tecer” são termos recorrentes ao longo de sua poética. Há, no entanto, um verso no livro *A Ilha dos Mortos* (1991) no qual o poeta diz que “a poesia não tem memória” (Mendes, 1991, p. 22). Por que tal afirmação?

LFCM: Porque a poesia é a busca incessante da memória. É buscar saber aquilo que procuro.

Entrevistadora: Sêneca, na *Epístola VII* (séc. I d.C.), afirma que “quantas vezes estive entre homens, tornei-me menos homem” (Sêneca, 2014, p. 10). Muitos santos evitavam a companhia de outros

promoveram e fiscalizaram o ajuste econômico e financeiro como condição para a assistência financeira internacional a Portugal, no período de 2011 a 2014.

homens a fim de viver na inteira companhia de Deus. A poesia é a sua melhor companhia?

LFCM: Não, a poesia é uma forma de estar só. A partilha vem apenas com a leitura do poema pelos outros.

Entrevistadora: Sua obra apresenta poucos títulos narrativos. É uma experiência de escrita que não o motiva? Por quê?

LFCM: Escrevo poucas histórias, não sou um narrador. As que escrevi, acabei-as.

Entrevistadora: Qual o recado que LFCM gostaria de deixar para as gerações futuras?

LFCM: Façam um mundo melhor que o nosso. E desculpem-nos o que vos deixamos...

RECEBIDO: 14/05/2024

APROVADO: 02/08/2024

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTÓTELES. *Sobre a Arte Poética*. Trad. António Mattoso e António Queirós Campos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MENDES, Luís F. C. *A Ilha dos Mortos*. Porto: Assírio & Alvim, 1991.

MENDES, Luís F. C. *Viagem de inverno*. Lisboa: Quetzal Editores, 1993.

MENDES, Luís F. C. *Os dias inventados*. Lisboa: Editora Gótica, 2001.

MENDES, Luís F. C. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.

MENDES, Luís F. C. *A misericórdia dos mercados*. Porto: Assírio & Alvim, 2014.

MENDES, Luís F.C. *Outro Ulisses regressa a casa*. Porto: Assírio & Alvim, 2016.

MENDES, Luís F.C. *Voltar*. Porto: Assírio & Alvim, 2021.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François *et al.* Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução e introdução: J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

MINICURRÍCULO

JULIA ARAUJO BORGES é doutoranda em Estudos Literários – Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (POSLIT) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestra em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra e bolsista em pesquisa na área de crítica textual pela Fundação Casa de Rui Barbosa.